

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 23/02/2019.



UNESP

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

GABRIELA JAQUELINE DOMINGUES VILELA

**UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES DE
SEXUALIDADE E ATITUDES SEXUAIS DE
ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA:**
análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares



ARARAQUARA-S.P.

2017

Gabriela Jaqueline Domingues Vilela

**UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES DE
SEXUALIDADE E ATITUDES SEXUAIS DE
ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA:**
análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação Sexual, da Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

ARARAQUARA – S.P.

2017

Vilela, Gabriela Jaqueline Domingues

Um estudo sobre representações de sexualidade e atitudes sexuais de adolescentes de uma escola pública: Análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares / Gabriela Jaqueline Domingues Vilela – 2017
177 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Adolescentes. 2. Grafitos. 3. Carteiras escolares. 4. Educação sexual. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GABRIELA JAQUELINE DOMINGUES VILELA

UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES DE SEXUALIDADE E ATITUDES SEXUAIS DE ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA:

análise-descritiva de grafitos em carteiras escolares

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Linha de Pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Data da defesa: 23/02/2017

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, Livre-Docente em Sexologia e Educação Sexual na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara.

Membro Titular: Profa Dra Denise Maria Margonari, Professora Assistente Doutor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara.

Membro Titular: Profa Dra Ana Cláudia Figueiredo Rebolho, Docente no Centro Universitário Central Paulista, São Carlos.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras UNESP
Campus de Araraquara

Aos adolescentes que estudam em escolas públicas de São Paulo, inspiradores deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por acreditarem em mim e por sempre apoiarem-me em minhas decisões.

Ao Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, orientador deste trabalho, que nestes dois anos de convivência, muito me ensinou, contribuindo para meu crescimento pessoal, científico e intelectual.

Aos meus irmãos Marcos e Willian, pelos puxões de orelha, amizade, discussões e incentivo em continuar lutando pelos meus objetivos.

À Profa Dra Andreza Marques Leão, pela amizade, pela disponibilidade em ajudar e pela valiosa contribuição para esta pesquisa.

À Profa Dra Denise Margonari, pelos importantes apontamentos e sugestões durante a banca de qualificação e defesa, além do auxílio com a revisão ortográfica.

À Profa Dra Ana Claudia Figueiredo Rebolho, pela rica e detalhada análise deste trabalho.

À Dona Maria, companheira de coleta, compreensiva, simpática e trabalhadora.

Aos docentes do Programa de Mestrado em Educação Sexual da UNESP, pelos conteúdos ensinados que me foram muito úteis neste estudo.

À amiga Milena de Julio, pelo companheirismo, incentivo e auxílio nestes últimos dois anos.

Aos meus queridos alunos, que inspiram-me todos os dias a continuar na escola pública.

E devemos pensar que um dia, talvez, numa outra economia de corpos e dos prazeres, já não se compreenderá muito bem de que maneira os ardis da sexualidade e do poder que sustêm seu dispositivo, conseguiram submeter-nos a essa austera monarquia do sexo, a ponto de votar-nos à tarefa infinita de forçar seu segredo e de extorquir a essa sombra as confissões mais verdadeiras.

Foucault (1985, p.149).

Resumo

A escola é o local onde os adolescentes passam boa parte do tempo, desta forma, a instituição assume grande responsabilidade na formação destes jovens. A adolescência é um período de intensas mudanças no âmbito físico, psicológico e social, e o ambiente escolar, muitas vezes não está preparado para lidar com esse adolescente, cheio de questionamentos e anseios e, transgressor de regras. A instituição escolar, com suas normas e regras, tenta adequar os corpos e silenciar determinados assuntos, como é o caso da sexualidade. O jovem, que não encontra espaço para falar sobre o tema, procura outra maneira de se expressar, uma delas é a confecção dos grafitos de conotação sexual. Eles podem ser vistos nos mais variados espaços: paredes, banheiros, vidros e nas carteiras escolares, onde os estudantes desenham, escrevem e revelam seus anseios, angústias, preconceitos e dúvidas. O nosso objeto de estudo são os grafitos inscritos nas carteiras escolares, eles representam um importante meio de comunicação, onde se dá as manifestações sexuais. Os objetivos desta pesquisa foram descrever e analisar as representações sexuais de estudantes de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo, a partir da expressão gráfica em suas carteiras. Este é um trabalho descritivo-exploratório, de cunho qualitativo, no qual utilizamos a análise de conteúdo como metodologia para a análise dos dados. A coleta do material ocorreu por meio de registros fotográficos dos grafitos encontrados nas carteiras, entre os meses de agosto e dezembro de 2015. Os grafitos foram feitos por alunos na faixa etária dos 11 aos 17 anos, que cursavam do 6º ano do Ensino Fundamental II à 3ª série do Ensino Médio. Foram coletados 187 grafitos para a análise, sendo que 49% se enquadram na categoria “xingamentos”, na qual o destaque foi para o xingamento relativo a orientação sexual masculina: 21%. Práticas sexuais apareceram em 18% dos grafitos e os grafitos de órgãos genitais foram a terceira categoria com maior representatividade (14%). Estes resultados mostram como a homofobia, o machismo e o padrão heteronormativo, entre outros, são reproduzidos e assimilados no

ambiente escolar (e fora dele), pelos estudantes. Este trabalho nos permitiu adentrar um pouco o universo adolescente e conhecer quais são suas concepções de sexualidade. Acreditamos que esta pesquisa é de grande importância para ajudar a compreender a vivência da sexualidade adolescente, além de fornecer subsídios para melhorar ou instituir programas em Educação Sexual nas escolas, utilizando como matéria-prima os registros desses jovens, e, com isso, formando cidadãos críticos e conscientes de sua sexualidade.

Palavras-chave: Adolescentes. Grafitos. Carteiras escolares. Educação sexual.

Abstract

School is where teenagers spend much of their time, thus, the institution takes a huge responsibility in the education of these young people. The adolescence is a period of big changes in the physic, psychological and social scope, and the school environment is often not prepared to deal with this teenager, who is full of questions and desires and is a rule transgressor. The school institution, with its standards and rules, tries to suit the bodies and silence some subjects, such as the sexuality. The young person, who cannot find a place to talk about the topic, seeks another way to express him or herself; one of them is the production of graffiti with sexual connotation. They can be seen in several places: walls, bathrooms, windows and school desks where students draw, write and reveal their anxieties, fears, prejudices and doubts. The object of our study are the graffiti written in the school desks. They represent an important mean of communication, where sexual demonstrations happen. The aim of this research was to describe and analyze the sexual representations of students at a public school in the state of Sao Paulo from the graphic expression on their desks. This is a descriptive/exploratory study of qualitative approach, in which we used the content analysis as a methodology for data analysis. The material collection occurred through photographic records of graffiti found on the desks between August and December of 2015. The graffiti were made by students aged between 11 and 17 who attend from the 6th grade of elementary school II to the 3rd year of high school. We collected 187 graffiti for analysis, and 49% fall into the category "name calling", the highlight was the curse on male sexual orientation: 21%. Sexual practices appeared in 18% of graffiti and graffiti of genitals were the third category with the largest representation (14%). These results show how homophobia, chauvinism and heteronormative standards, among other things, are reproduced and assimilated in the school environment (and outside of it) by students. This work allowed us to get in the teenagers' universe and to learn more about their conceptions of sexuality. We

believe that this research has great importance in helping to understand the experience of adolescent sexuality and provides aids to improve or establish programs for Sex Education in schools, using as raw material the records of these young people, thereby forming critical citizens conscious of their sexuality.

Keywords: Teenagers. Graffiti. School Desks. Sex Education.

LISTA DE IMAGENS

<i>Figura 1.</i> Carteira escolar com gradil.....	75
<i>Figura 2.</i> Desenho (Órgãos genitais: pênis)	91
<i>Figura 3.</i> Desenho (Órgãos genitais: pênis).....	93
<i>Figura 4.</i> Desenho (Órgãos genitais: pênis).....	93
<i>Figura 5.</i> Desenho (Órgãos genitais: pênis).....	95
<i>Figura 6.</i> Desenho (Órgãos genitais: pênis).....	96
<i>Figura 7.</i> Desenho (Órgãos genitais: vulva)	97
<i>Figura 8.</i> Desenho (Práticas sexuais: heterossexual)..	98
<i>Figura 9.</i> Desenho (Práticas sexuais: heterossexual).....	101
<i>Figura 10.</i> Escrito e desenho (Práticas sexuais: heterossexual).....	102
<i>Figura 11.</i> Escrito e desenho (Práticas sexuais: heterossexual).....	103
<i>Figura 12.</i> Desenho (Práticas sexuais: heterossexual).....	105
<i>Figura 13.</i> Escrito e desenho (Práticas sexuais: heterossexual)	106
<i>Figura 14.</i> Escrito e desenho (Práticas sexuais: heterossexual)	107
<i>Figura 15.</i> Escrito (Práticas sexuais: heterossexual).....	107
<i>Figura 16.</i> Escrito (Práticas sexuais: heterossexual)	108
<i>Figura 17.</i> Desenho (Práticas sexuais: homossexual).....	109
<i>Figura 18.</i> Desenho (Práticas sexuais: homossexual)	110
<i>Figura 19.</i> Desenho (Práticas sexuais: indefinido)	111
<i>Figura 20.</i> Desenho (Práticas sexuais: indefinido)	112
<i>Figura 21.</i> Escrito (Xingamentos: orientação sexual)	116
<i>Figura 22.</i> Escrito (Xingamentos: orientação	117
<i>Figura 23.</i> Escrito (Xingamentos: orientação sexual).....	118
<i>Figura 24.</i> Escrito (Xingamentos: orientação sexual).....	119
<i>Figura 25.</i> Escrito (Xingamentos: orientação sexual).....	120
<i>Figura 26.</i> Escrito (Xingamentos: orientação sexual).....	121
<i>Figura 27.</i> Escrito (Xingamentos: orientação sexual).....	122
<i>Figura 28.</i> Desenho (Xingamentos: orientação sexual).....	123
<i>Figura 29.</i> Escrito (Xingamentos: comportamento sexual)l.....	124
<i>Figura 30.</i> Escrito (Xingamento: violência sexual).	125
<i>Figura 31.</i> Escrito e desenho (Xingamentos: características físicas).....	126

Figura 32. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual)	127
Figura 33. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual)	128
Figura 34. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual).....	129
Figura 35. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual).....	130
Figura 36. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual)	131
Figura 37. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual).....	131
Figura 38. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual).....	132
Figura 39. Escrito (Xingamentos: caráter).....	133
Figura 40. Escrito (Xingamentos: violência sexual).....	134
Figura 41. Escrito (Xingamentos: relacionamento).....	135
Figura 42. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual)	136
Figura 43. Desenho (Xingamentos: comportamento sexual).....	138
Figura 44. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual).....	138
Figura 45. Escrito (Xingamentos: comportamento sexual)	139
Figura 46. Escrito e desenho (Xingamentos: características físicas).....	140
Figura 47. Escrito (Socialização: declarações amorosas/sexuais)	141
Figura 48. Escrito (Socialização: declarações amorosas/sexuais)	142
Figura 49. Escrito (Socialização: convite para conversa/sexo).....	143
Figura 50. Desenho e escrito (Socialização: convite para conversa/sexo)	144
Figura 51. Escrito (Socialização: convite para conversa/sexo)	144
Figura 52. Escrito (Socialização: declarações amorosas/sexuais).....	145
Figura 53. Escrito (Socialização: declarações amorosas/sexuais)	146
Figura 54. Escrito (Socialização: declarações amorosas/sexuais).....	146
Figura 55. Escrito (Respeito).....	147
Figura 56. Desenho (Excreção).....	148
Figura 57. Escrito (Gênero).....	149
Figura 58. Desenho (Corpo: masculino).....	149
Figura 59. Desenho (Corpo: feminino).....	150
Figura 60. Desenho (Corpo: feminino).....	150
Figura 61. Desenho (Corpo: feminino)	150
Figura 62. Desenho (Orientação sexual: heterossexual e homossexual)	151
Figura 63. Escrito e desenho (Orientação sexual: homossexual),	152
Figura 64. Desenho (Orientação sexual: heterossexual).....	152
Figura 65. Escrito (Violência sexual).....	153

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1.</i> Estilo dos grafitos.....	85
<i>Gráfico 2.</i> Quantidade de grafitos da categoria Órgãos Genitais.	94
<i>Gráfico 3.</i> Tipos de xingamentos.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estilo e categorias dos grafitos das carteiras	86
Tabela 2. Categorias analisadas	87
Tabela 3. Termos mais recorrentes nos grafitos	88

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS - *Acquired Immunodeficiency Syndrome*

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

MDF - *Medium-Density Fiberboard*

MEC - Ministério da Educação e Cultura

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

UNICEF - Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
1.1 Da escola aos grafitos	21
2 O “SER” ADOLESCENTE	33
3 A ESCOLA COMO UM ESPAÇO CONTROVERSO	42
4 OS GRAFITOS COMO FORMA DE EXPRESSÃO	53
5 PERCURSO METODOLÓGICO	71
5.1 Caracterização do local e dos participantes (indiretos)	73
5.2 Perfil socioeconômico dos estudantes	74
5.3 Perfil cultural	74
5.4 Objeto de estudo	75
5.5 Método de coleta	76
5.6 Procedimento de análise dos dados	77
5.7 Categorias analisadas	78
A - Xingamentos	79
B - Socialização	80
C - Órgãos genitais	80
D - Violência sexual	80
E - Gênero	81
F - Práticas sexuais	81
G - Respeito	81
H - Excreção	81
I - Orientação sexual	82
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	83
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS	160

1 INTRODUÇÃO

1.1 Da escola aos grafitos

A escola é um ambiente ideal para a socialização dos adolescentes. Nesse espaço os jovens fazem amizades, se apaixonam, brigam e deixam suas marcas. Os adolescentes, por exemplo, costumam marcar seu território com inscrições espalhadas pelo prédio escolar.

Foi a partir do final do século XVII, que a criança passou a ser reconhecida como um indivíduo em desenvolvimento, não mais um “pequeno adulto”, o que fez crescer a preocupação com a educação. A concepção moral das crianças como seres inocentes e frágeis permitiu que a aprendizagem social fosse deixando de ser função da família, para ser responsabilidade da escola (Ariès, 1981).

A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e, de modo mais geral, a socialização da criança, não eram, portanto, nem asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos à educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. (p. 3).

O autor destaca que somente com o estabelecimento da infância foi possível, no século XVIII, o reconhecimento da adolescência, conhecida como juventude. Esta foi determinada com a valorização da força viril dos meninos, que, na época eram recrutados para os campos de batalha.

Vitiello e Loureiro (1986) apontam para a dificuldade em definir a adolescência e seus limites cronológicos, porque essa demarcação depende de fatores sociais, culturais e

peçoais. Entretanto, segundo os autores, é comum a definição do período entre os onze e vinte anos de idade.

Nesta fase, os jovens aspiram por liberdade, numa ansiedade por descobrir quem realmente são, por respostas e por compreensão. De acordo com o estudo de Martins, Trindade e Almeida (2003), sobre representações sociais de adolescentes em diferentes inserções sociais, o jovem acredita que a adolescência é uma fase de descobertas e, também, onde se adquire maior liberdade, entretanto, é preciso evitar perigos como a gravidez precoce, as drogas e as doenças sexualmente transmissíveis, que podem atrapalhar o futuro, de alguma forma.

Para Oliveira (2006), na adolescência há um conflito entre a permanência da identidade e a mudança do desenvolvimento, questão esta, que é contemplada por toda a vida, mas, é nesse período que ela adquire características próprias. Para Bertol e Souza (2010) esse espírito subversivo do jovem, baseado na autonomia, é, na realidade, uma estratégia de superação das ações da abordagem desenvolvimentista, que vê no adolescente alguém incapaz de ter uma boa convivência social.

Tendo em vista as constantes crises entre os jovens e os adultos, uma estratégia utilizada pelos adolescentes é a reunião em grupos, eles reúnem-se entre seus pares que, passam a ser um importante espaço para a constituição de sua personalidade e identidade. Os amigos proporcionam segurança contra as reprimendas dos adultos, assim, o sentimento de culpa, medo e inferioridade são dissipados. Entre os seus, o adolescente consegue expressar sua opinião, ter o seu espaço e, também, consolidar a sua identidade sexual (Souza, Borges, Medeiros, Teles, & Munari, 2004).

Calligaris (2000) aponta as características destes grupos, formados por adolescentes:

Os adolescentes, como vimos, se reúnem em grupos que podem ser mais ou menos fechados, mas sempre apresentam ao mundo uma identidade própria, diferente do universo dos adultos e dos outros grupos. No mínimo, são comunidades de estilo regradas por traços de identidade claros e definidos, pois os membros devem poder pertencer a elas sem ter de coçar a cabeça se perguntando: "Mas o que será que os outros querem para me aceitar?" Os grupos têm portanto em comum um *look* (vestimentas, cabelos, maquiagem), preferências culturais (tipo de música, imprensa) e comportamentos (bares, clubes, restaurantes etc.). (p. 2).

Segundo o autor, a identidade do grupo é também vista no *look* de seus membros, isso pode favorecer os empresários que utilizam da propaganda para vender estilos, definir modas e até influenciar no padrão de consumo dos adultos, neste sentido os adolescentes e seus grupos são muito rentáveis, numa visão consumista.

Deixando essa visão capitalista dos grupos, Barros (2002), revela que os adolescentes possuem uma grande capacidade de reunirem-se em grupos, sejam eles turmas ou gangues, sendo esta formação, muito útil para o momento da transição em que o mesmo esteja passando:

O grupo funciona como um objeto e espaço transicional. A turma propicia a formação da identidade e é intermediária entre família e a sociedade. A tendência a agrupar-se pode, ainda, esconder o temor às críticas diretas. O grupo seria, portanto, uma proteção. Eles confiam muito nos valores de seus pares e assim reasseguram a autoestima com base na imagem que os outros lhe remetem. (Barros, 2002, pp. 37-38).

Atualmente, a escola atua também no processo de socialização dos jovens, apesar desse processo acontecer desde o útero de sua mãe, Miranda (1994) faz uma crítica à psicologia, que, muitas vezes, considera que o desenvolvimento social se faz individualmente, para depois se expandir ao convívio coletivo. A autora explica sua contraposição:

Desde sempre a criança já sofre um processo de socialização através do qual a sua origem social de classe determina sua condição de ser social. A formação de sua personalidade social não passa primeiro por um estágio individual para depois se socializar. Ainda que assuma os contornos de suas características específicas, ela é sempre socializada. Afirmar o contrário e acreditar numa capacidade própria do indivíduo — natural — para a socialização. A marginalidade social seria, então, facilmente explicada pela incapacidade de adaptação do indivíduo as normas sociais. Fica, assim, plenamente justificada a finalidade ideológica da escola de promover a adaptação do indivíduo a sociedade. (pp. 130-131).

Embora a escola tenha a função social de educar e transmitir o conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, além de formar cidadãos críticos, ela também é um ambiente disciplinador e controlador, que, desse modo, reprime corpos e impede que os mesmos tenham liberdade de agir fora da esfera acadêmica-intelectual. As relações que são construídas ou impostas hierarquicamente na escola, “por vezes desiguais, exprimem diferenças de tamanho, idade, conhecimento e poder” (Müller, 2008, p. 133).

Rubem Alves (1994) em seu livro *A alegria de Ensinar* fala sobre o sofrimento das crianças e adolescentes na escola, que, precisam se adequar, como classe dominada, aos seus superiores, os professores e administradores,

Pois, como todos sabem, mas ninguém tem coragem de dizer, toda escola tem uma classe dominante e uma classe dominada: a primeira, formada por professores e administradores, e que detém o monopólio do saber, e a segunda, formada pelos alunos, que detém o monopólio da ignorância, e que deve submeter o seu comportamento e o seu pensamento aos seus superiores, se desejam passar de ano. (p.11).

Essa relação desigual e autoritária causa ansiedade e sofrimento aos alunos. O autor também relata que, ele mesmo, só tem boas lembranças de dois professores, um deles era uma professora muito atenciosa e que tratava todos como uma grande família e, o outro, um professor de literatura, que o fez apaixonar-se pela leitura, com suas aulas inspiradoras.

Foucault (1987) fala sobre essa nova forma de poder, a disciplina, utilizada hoje pelos governos que usufruem da invisibilidade do processo, garantida pelas tecnologias usadas para a normatização do eu:

O poder disciplinar, ao contrário, se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os súditos que têm que ser vistos. Sua iluminação assegura a garra do poder que se exerce sobre eles. E o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeitado o indivíduo disciplinar. (Foucault, 1987, p. 167).

Esse poder disciplinar encontrou espaço nas instituições educativas, graças à aplicação das tecnologias disciplinares usadas na construção social de novos conhecimentos e na formação dos indivíduos ali presentes. É por meio do controle social incitado que a regulação do tempo e espaço permite a normatização de condutas e de personalidades,

contribuindo, ainda, para moldar certa visão de mundo (Varela, 1999). A falha desse processo é evidenciada quando os professores, pais e a sociedade verificam a crise no sistema educacional, refletido no comportamento dos jovens: “desrespeito à autoridade dos adultos, falta de interesse, violência” (Müller, 2008, p.131). Entretanto, a sociedade ainda atribui à escola a responsabilidade de resolver os problemas sociais.

A escola, como um espaço majoritariamente habitado por adolescentes, precisa adaptar suas metodologias às novas demandas, dentre elas, a sexualidade. Uma das características mais evidentes do adolescente é o seu amadurecimento sexual e esse período começa com as transformações físicas da puberdade. É um momento de incertezas e angústias, não se é criança e nem adulto, mas existe um desejo de ser único, de ter sua própria identidade, de fazer suas próprias escolhas, ao mesmo tempo em que, toda escolha tem suas consequências, como ilustra Tiba (2005): “A falta de maturidade os leva a se exporem a situações arriscadas, que podem trazer consequências sérias para eles próprios e suas famílias como a gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis e as drogas.” (p. 70).

Junto com a vontade de estar com o outro, de experimentar coisas novas, também aumentam os desejos sexuais. Mas, um período de liberdade sexual sem conhecimento pode vir acompanhado de prejuízos para esse adolescente.

A revolução sexual que eclodiu nos anos 60 trouxe muitos avanços na área, dentre eles, a superação de várias barreiras conservadoras em relação ao sexo e à diminuição do controle cultural sobre a sexualidade (Louro, 1999). Apesar dessas conquistas, o aumento da liberdade sexual trouxe consigo o aumento de casos de AIDS² e gravidez precoce entre os jovens, desencadeando uma mobilização da sociedade e do Estado por considerar essa situação como um grave problema de saúde pública. Neste sentido, houve pela primeira vez,

² Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*, em inglês).

uma preocupação do governo na abordagem da sexualidade na educação, a partir da criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Reis & Ribeiro, 2002).

No ano de 1997 o Ministério da Educação e do Desporto lança os PCN (1997), que é uma proposta de trabalho transversal para o Ensino Fundamental, tendo como objetivos a formação para a cidadania, o preparo dos estudantes como cidadãos críticos, que reconheçam a diversidade sociocultural do país, que os alunos aprendam a se posicionar contra todo tipo de preconceito e discriminação, entre outros. Dentre os temas abordados está a Orientação Sexual em seu 10º volume. Segundo esse documento, a escola é um lugar adequado para trabalhar o tema sexualidade:

Devido ao tempo de permanência dos jovens na escola e às oportunidades de trocas, convívio social e relacionamentos amorosos, a escola constitui-se em local privilegiado para a abordagem da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids, não podendo se omitir diante da relevância dessas questões. (p. 293).

Desta forma, os PCN (1997) também reconhecem que o ambiente escolar é lugar de manifestações sexuais:

A sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela “invade” a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela. (p. 292).

Conforme Vilela e Ribeiro (2014), em seu estudo sobre manifestações sexuais na escola, os valores sexuais transmitidos fora dos muros da instituição (família e grupo social dos adolescentes), exercem grande influência na concepção de sexualidade destes jovens.

O adolescente que não se adapta a uma sociedade excludente e desigual procura meios para fugir desta realidade, como exemplo, temos as manifestações artísticas enunciativas e denunciativas representadas pelos grafites (Silva, 2004). Os grafites são instrumentos de comunicação de indivíduos marginalizados, pois eles os utilizam para expor suas ideias, suas reivindicações, seus protestos (Beltrão, 1980), essa forma de manifestação é encontrada em muitos lugares das cidades e também nas escolas.

Nas últimas décadas, vários estudos foram realizados com grafitos latrinários³ com o objetivo de desvendar o comportamento e as concepções sexuais das pessoas que utilizam esse espaço para suas intervenções (Alves, 2014; Barbosa, 1984; Nwoye, 1993; Teixeira & Otta, 1998).

Conforme Schultz (2010) na adolescência crescem as intervenções dos jovens nos espaços:

Na adolescência, se intensificam os rabiscos como forma de experimentação gráfica e como entretenimento, ou, ainda, em decorrência de certa divagação ou ansiedade típica nessa faixa etária. A instituição escolar se empenha em apagar a vontade de traço dos alunos. Além dos traços, qualquer atitude fora dos padrões ativa mecanismos de contenção. (p. 2563).

Os adolescentes deixam suas inscrições por vários lugares por onde passam: ônibus, escola, parques, muros e, claro, dentro da sala de aula. Os grafitos adolescentes expressos por

³ Os grafitos latrinários, conforme Barbosa (1984), Teixeira e Otta (1998) são inscrições feitas em banheiros públicos. Embora sejam vistos em sua maioria nas portas, esses grafitos também são encontrados nas paredes e no teto.

rabiscos, arranhões e pichações são manifestações comuns entre várias culturas (Deiulio, 1978).

As carteiras escolares constituem um local fácil para os registros e, o espaço do tampo, parece atrair o jovem. Por mais arriscado que possa ser, os grafitos são produzidos constantemente, apesar da limpeza periódica e da repreensão dos professores. Riebes (2004), em seu estudo com grafitos de carteiras do auditório da Universidade Greifswald na Alemanha, sugere que as características do móvel, como a superfície plana e pequena, bem como as intenções pessoais são determinantes nesse tipo de grafito. A autora cita como exemplo a proximidade com a superfície, que contribui para a utilização de traços finos e desenhos pequenos e, ao longo do tempo, nesse espaço limitado, há a sobreposição das inscrições.

Os grafitos de carteiras podem demonstrar a realidade deste aluno, suas relações com seu corpo e com sua orientação sexual, seu preconceitos, seus desejos, seus desabafos.

O objeto de nosso estudo são os grafitos da temática sexualidade, encontrados nas carteiras das salas de aula, feitos por adolescentes que cursam o Ensino Fundamental II e Ensino Médio de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo.

As representações encontradas misturam-se a conteúdos aleatórios das disciplinas que compõem o currículo (matemática, história, português, etc). A partir destas observações, consideramos os grafitos como uma potencial fonte do saber popular sobre o cotidiano dos alunos e suas concepções de gênero, sexo e sexualidade no ambiente escolar, que nos permitem adentrar no universo destes jovens, compreendendo melhor sua vivência sexual e, assim, subsidiando novos estudos que possam intervir de forma eficaz e efetiva na vida dos mesmos. Compreendemos, assim, que os grafitos são um importante fenômeno de expressão da sexualidade no ambiente escolar.

As expressões escritas e desenhadas nas carteiras podem nos levar a conhecer as angústias e dúvidas dos adolescentes, compreender suas expectativas e permitir que intervenções educativas possam partir de suas necessidades e anseios, servindo de subsídios para ações educativas no campo da Sexualidade, como sugere Siegl (1993).

E, conhecendo o universo adolescente, é possível criar políticas públicas que correspondam às reais necessidades destes jovens, além disso, podem-se criar cursos de formação para os educadores para que o processo educativo seja mais eficiente e acolhedor, priorizando a reflexão, o questionamento e a desconstrução de valores, dos preconceitos, dos estereótipos. Desta forma, teremos uma educação que priorize a formação humana, que cultive o respeito e a liberdade de cada um.

Além disso, como sugerem os PCN (1997), por meio da educação sexual efetiva, os adolescentes terão uma relação melhor com sua sexualidade:

Quando a questão da sexualidade é tomada como algo sério a ser esclarecido, compreendido e estudado, tende a modificar a relação agitada dos adolescentes com o tema. Vão perdendo progressivamente sentido os desenhos de órgãos genitais nas carteiras, paredes e banheiros da escola, como atitudes provocativas e exibicionistas de sensualidade exacerbada ou as tentativas de escandalizar os adultos. (p. 301).

Neste sentido, a Educação Sexual contribuirá na formação da personalidade deste adolescente, influenciando também nas manifestações sexuais no ambiente escolar, das quais, os grafitos fazem parte. Transformando o ato, antes visto como algo transgressor, para constituir um material rico para reflexão, discussão e desconstrução de valores e preconceitos, por exemplo.

Este trabalho tem por objetivo descrever e analisar as representações sexuais encontradas nos grafitos, produzidos por adolescentes em suas carteiras escolares. Também se propõe a analisar o conteúdo do material e investigar o caráter de transgressão que eles apresentam, bem como quais mensagens, de cunho sexual, são mais evidentes nos grafitos.

Neste sentido, esta pesquisa pode contribuir para os trabalhos de educação sexual na escola, a partir do conhecimento sobre representações sexuais dos jovens.

Nosso estudo está dividido da seguinte forma:

Capítulo 2: O “ser” adolescente – Este capítulo abarca desde a adolescência e suas linhas teóricas, passando pela escola e suas características repressoras até a abordagem histórica dos grafitos e das manifestações destes registros, no ambiente escolar. A princípio, é feito uma abordagem conceitual sobre a adolescência, destacando as visões de algumas linhas teóricas que se contrapõem, buscamos desta forma, refletir sobre a naturalização dessa fase como problemática, visão esta, que dificulta as ações de auxílio a este jovem. A partir de algumas características marcantes deste período, dentre elas a sexualidade, falamos sobre as manifestações sexuais na escola e a importância da Educação Sexual.

Capítulo 3: A escola como um espaço controverso - Este capítulo aborda algumas características do ambiente escolar, principalmente no que tange a repressão aos estudantes e na sua ação disciplinadora, em discordância com o comportamento rebelde dos estudantes, que acabam por transgredir as regras.

Capítulo 4: Os grafitos como forma de expressão – Os grafitos são apresentados desde períodos pré-históricos até os dias atuais para mostrar a importância desta forma de expressão marginalizada e transgressiva, embora seja muito significativa, no ambiente escolar.

Capítulo 5: Percurso metodológico utilizado - estudo descritivo-exploratório, com enfoque qualitativo, fotografia (coleta de dados) e análise de conteúdo. Apresentação das

categorias analisadas: Xingamentos, Práticas sexuais, Órgãos sexuais, Violência sexual, Socialização, Orientação sexual, Gênero, Respeito, Corpo e Excreção.

Capítulo 6: Resultados e discussão - São mostrados os resultados e a discussão do conteúdo dos grafitos, baseados na literatura.

Capítulo 7: Considerações finais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho permitiu adentrar o ambiente escolar e registrar as representações sexuais deixadas por adolescentes (11 aos 17 anos) em suas carteiras escolares. Entendemos que a adolescência é um período de mudanças, sendo elas físicas, psicológicas e sociais, entretanto, o meio que o jovem está inserido, muitas vezes, não compreende a adolescência e acaba agindo de uma maneira repressiva, punitiva, ameaçadora (família, religião e até a escola).

Existem muitas abordagens teóricas sobre a adolescência, desde a “naturalizante”, àquela que a vê como uma fase de rebeldia e problemática, e que todos são suscetíveis a ela, até aquela que vê o adolescente como um indivíduo construído socialmente e, assim, reflexo da sociedade onde vive. Acreditamos que a abordagem naturalizante não condiz com o complexo momento, pelo qual, o jovem está passando, pelo contrário, este ponto de vista pode negligenciar o auxílio ao jovem, principalmente em casos como depressão, envolvimento com entorpecentes e do sexo inseguro.

O espaço escolar é muito importante para os jovens, pois nele, encontram seus pares, socializam e passam pelo processo de formação de sua identidade. Por outro lado, o jovem que agora constrói para si uma imagem de independência e autonomia, longe dos pais e entre os seus, se depara com outras regras e normas que são impostas pela instituição escolar.

A escola tem por função educar e transmitir os conhecimentos historicamente acumulados pela sociedade, além de formar cidadãos críticos que saibam resolver problemas e refletir sobre as suas ações. Apesar disso, a instituição escolar apresenta-se como um ambiente disciplinador que tenta adequar os corpos, segundo os seus próprios critérios.

O adolescente, por seu espírito questionador e ousado tende a questionar as regras e os valores impostos pelos adultos, sejam eles da família ou da escola. A partir deste

comportamento que foge do “padrão” e que não aceita facilmente as diretrizes dos adultos, o jovem é julgado como transgressor.

A transgressão é vista em nosso estudo por vários ângulos: na natureza transgressora do próprio adolescente; na confecção dos grafitos nas carteiras escolares (comportamento inadequado e digno de punição na escola) e também pelos temas abordados nos registros, neste caso, a sexualidade, que ainda é tratada como tabu.

Percebemos que o fluxo de grafitos nas carteiras é grande, devido a fatores como o rodízio de alunos na sala, a higienização das mesas e, claro, ao *feedback* dos leitores aos registros. O estudante, ao notar um grafito naquele seu espaço, é instigado a contribuir com o mesmo de alguma forma, seja reforçando os traços, acrescentando algo ou apagando o mesmo. Por meio desta interação, verificamos ser este um ótimo meio de comunicação entre os jovens, além disso, é possível destacar, que os conteúdos sexuais ali registrados, em maioria, não são manifestados oralmente durante a aula, o que poderia acarretar em censura pelo professor, diretor ou funcionários aos estudantes.

Ao analisarmos as representações sexuais destes jovens notamos que alguns temas prevalecem em contraste com outros. Mesmo não sendo possível identificar o gênero dos autores dos grafitos, os nossos resultados revelam que o ambiente escolar é povoado por preconceitos, estereótipos e valores morais que são reproduzidos por estes jovens em seus grafitos. Vale a pena destacar, que toda bagagem cultural, moral e social exposta nos grafitos, são ensinados também, por agentes que estão fora dos muros da escola.

A família constitui a primeira instância onde a Educação Sexual entra em ação, neste caso, a educação sexual informal, por onde os pais e familiares transmitem seus valores e preconceitos sobre o tema, além do silenciamento de determinados assuntos, que é o caso da sexualidade.

Quando os adolescentes chegam à escola, se deparam com profissionais que, igualmente, carregam seus valores e os transmitem em sala de aula. Desta forma, professores com certos valores morais e religiosos latentes ou não, tendem a formar alunos nestes mesmos padrões.

Nesta perspectiva, constatamos também que muitos educadores não estão preparados para lidar com a sexualidade de seus alunos, até porque, isso depende de uma formação adequada. A formação apropriada dos profissionais da educação permitirá a esses jovens aprender sobre sexualidade, a partir de uma abordagem que agrega os indivíduos, que ensina o respeito à diversidade.

A homossexualidade foi o tema que se destacou em nosso trabalho, pela maioria dos grafitos encontrados e também pelo caráter agressivo e depreciativo dos autores destes registros, ao tratarem do tema. A categoria em questão é “xingamentos”, são as ofensas destinadas aos homossexuais homens, demonstrando que a homofobia é um assunto evidente na escola. Verificamos nestes grafitos, que os adolescentes representam a homossexualidade como algo ruim, feio e anormal. Este é mais um indício de que a escola não trabalha o tema, muitas vezes silenciado, reprimido, mas que está ali, latente e presente nas carteiras escolares e nas violências (verbal e até física) vivenciadas pelos homossexuais, ou mesmo, por pessoas que são estereotipadas (apresentam alguma característica, dita como “feminina”), assim, são julgados como *gays*.

Precisamos trabalhar e combater a homofobia no ambiente escolar, pois, muitos destes estudantes são vítimas de agressões verbais e físicas no ambiente escolar e fora dele (entre os seus familiares, por exemplo). A homofobia é propagada na sala de aula e o silenciamento do professor e da instituição como um todo, coloca em risco a vida escolar (e a própria vida) do estudante, que desmotivado e vítima de ofensas diárias, deixa de frequentar a escola. Não raro, estes adolescentes, não tendo a quem recorrer, tentam o suicídio. Mas, também podem

ser agredidos e/ou mortos por outras pessoas (na rua, na escola ou em casa). É fundamental que a escola assuma a responsabilidade de combater a homofobia, isso é possível, como já dito, por meio da formação dos professores em Educação Sexual e na implantação de espaços de discussão, reflexão e questionamento, e, para este processo é imprescindível o envolvimento de toda a comunidade escolar, incluindo os pais dos alunos.

Outro tema importante que observamos em nossa pesquisa, foi a valorização do órgão sexual masculino, seja por meio do desenho do pênis como uma arma ou pela quantidade considerável do órgão isolado, se comparado ao órgão sexual feminino, além disso, o pênis é sempre representado ereto nos grafitos. Estes dados evidenciam o significado do pênis para os jovens: a afirmação de poder, masculinidade e virilidade, quesitos estes, impostos por uma sociedade heteronormativa, que não espera do “macho” outras características. Desta forma, tanto o homem quanto a mulher são prejudicados, ele por ser cobrado esse perfil de “machão”, caso contrário, poderá ser julgado como *gay*. Para as mulheres, esse padrão heteronormativo impõe nesta mesma proporção, uma carga de estereótipos (maternal, frágil, pura) e, aquelas que fogem o padrão são igualmente julgadas, mas desta vez como puta.

A heteronormatividade, também pode ser notada nas representações das práticas sexuais, a maioria dos grafitos desta categoria ilustra o ato sexual entre um homem e uma mulher. O prazer, dito normal, é esboçado pelos adolescentes como sendo o heterossexual e o ato sexual, entre pessoas do mesmo sexo, é menosprezado.

O machismo é apresentado pelos estudantes por meio dos xingamentos à mulher, termos como puta e vagabunda são muito utilizados. Estes dados nos mostram que a desigualdade de gênero é transmitida e vivenciada na escola. Os grafitos representam a mulher subjugada por uma sociedade machista que a julga por seu comportamento sexual. Os alunos (as) passam a julgar suas colegas considerando o padrão ideal de comportamento: a “santinha” é pura, dócil e difícil, já a “puta” é aquela que “fica” ou “dá bola” para vários

meninos e, portanto, é digna de ofensas. Nesta perspectiva, constatamos que os jovens tratam os homens e as mulheres de maneiras distintas, enquanto eles podem ter várias parceiras, as meninas são julgadas e classificadas com teor pejorativo.

Os adolescentes também usam suas carteiras como veículos de suas declarações amorosas e sexuais, além de também utilizarem-na para conhecer outras pessoas, quando deixam seus contatos no móvel. Reforçamos aqui, a importância da carteira escolar como meio de comunicação entre os jovens na sala de aula. Mesmo com a vigilância do professor, eles se arriscam e deixam suas marcas.

Podemos relacionar todos os grafitos encontrados, o que parece um tanto presunçoso de nossa parte, entretanto quando observamos que o padrão heteronormativo é reproduzido constantemente pelos estudantes, na homofobia representada, nas ofensas às mulheres, na elevada representatividade do órgão sexual masculino. Dados estes, que corroboram que os adolescentes estão vivenciando e sendo influenciados por outras pessoas (pais, amigos, professores, etc.) que reproduzem esse padrão normativo e, acabam excluindo quem não se encaixe nele. Este cenário leva a manutenção de violências (física, verbal e psicológica), forma pessoas preconceituosas e, também, pessoas que não se aceitam (orientação sexual e/ou gênero). Esse processo traumático é, muitas vezes, carregado por toda vida do jovem e influencia diretamente a sua formação como pessoa.

Concluimos que as manifestações sexuais na escola são encontradas também na forma de grafismos, feitos pelos adolescentes, este é um material rico em conteúdo e representações do que o adolescente está sentindo, bem como dos seus anseios, seus preconceitos e, dos valores que por eles estão sendo assimilados e reproduzidos.

Neste sentido, o nosso trabalho trouxe informações pertinentes sobre o universo adolescente, dentro da sala de aula e, conseqüentemente, dentro da escola. Estes dados podem contribuir para ações futuras que visem proporcionar um ambiente acolhedor, de reflexão e

questionador de valores impostos pela sociedade, a respeito da sexualidade destes jovens. Para tanto, se faz necessário que haja diálogo entre os agentes educadores e os estudantes e, que a escola não mais silencie assuntos como a homossexualidade e a questão de gênero, assuntos estes, muito importantes na formação de pessoas conscientes de sua sexualidade.

Enfatizamos novamente a importância na formação dos profissionais da educação na área de sexualidade e a implantação da Educação Sexual efetiva nesse espaço.

Com este estudo, pretendemos futuramente, elaborar um material de apoio a implantação de projetos em educação sexual na escola que utilizem os próprios grafitos dos estudantes, buscando desta forma, contribuir na formação destes jovens e sanar seus anseios e dúvidas relativos à sexualidade.

Neste estudo consideramos o grafito como material rico em significados para o entendimento do universo adolescente, no que tange a sua sexualidade.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1980). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury, A. (1992). O Adolescente e a Liberdade. In A. Aberastury, & M. Knobel (Comp.), *Adolescência normal* (10a ed., pp. 13-23). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Adão, K. N. (1994). As implicações pedagógicas da teoria do desenvolvimento humano de Stanley Hall. *Revista Mineira de Ed. Física*, 2 (2), 5-15. Recuperado de <http://www.revistamineiradeefi.ufv.br/artigos/arquivos/3783e98b47bb6523dfa1310a0c3388bf.pdf>
- Ahmed, S. M. S. (1981). Graffiti of Canadian high school students. *Psychological Reports*, 49(2), 559-562.
- Almeida, G. C. S., & Nascimento, R. R. (2012). As percepções de alunos de uma escola pública de Parnaíba sobre as (homo) sexualidades. IV *Fórum Internacional de Pedagogia* (pp.1-11), Parnaíba, Universidade Federal do Piauí. Recuperado de http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/d8f835aae4553c9e4fd149ba49d63b17_2420.pdf
- Almeida, J. (2008). O recado controverso do grafite contemporâneo. *Revista de Comunicação e Cultura – Contemporânea*, 6(1),1-12. Recuperado de <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3519/2573>
- Altmann, H. (2001). Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. *Estudos Feministas*, 2, 575-585. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8641>
- Altmann, H. (2003). Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. *Cadernos Pagu*, (21), 281-315.

- Alves, L. S. (2014). *Abrindo as portas: o que entra nos grafitos de banheiro? Um estudo comparado dos grafitos de banheiro* (Monografia). Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17128>
- Alves, R. (1994). *A alegria de ensinar* (3a ed.). São Paulo: Ars Poetica.
- Anderson, S. J., & Verplanck, W. S. (1983). When walls speak, what do they say? *The Psychological Record*, 33, 341-359.
- Andrade, E. N. (1999). *Rap e educação, rap é educação*. São Paulo: Selo Negro.
- Aranha, A. J. (2002). *Dicionário brasileiro de insultos*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Araújo, M. S. (2004). “Pelos caminhos da história imaginada” Os grafites de muros como patrimônio da cidade. In *Fóruns Contemporâneos de História do Ensino no Brasil*, (pp. 1-8). Universidade de Campinas, Campinas. Recuperado de ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/download/5249/4191
- Araújo, U. F. (1999). Respeito e autoridade na escola. In J. G. Aquino (Org.). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas* (pp. 31-48). São Paulo: Summus.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Azambuja, M. R. F. (2006). Violência sexual intrafamiliar: é possível proteger a criança? *Revista Virtual Textos & Contextos*, 5(1), 1-19. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1022/802>
- Bacelar, J. (2003). *Notas sobre a arte mais velha do mundo*. Universidade da Beira Interior: Covilhã. Recuperado de <http://bocc.ubi.pt>
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina* (2a ed.) (M. I. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Baére, F., Zanello, V., & Romero, A. C. (2015). Los insultos entre homosexuales: ¿la transgressión de la heteronormatividad o la duplicación de valores de género? *Rev. bioét.*, 23(3), 627-637.

- Bairros, J. (1995). Nossos feminismos revisitados. *Revista Estudos Feministas*, 2(3), 458-463.
- Ball, M., & Smith, G. (1992). *Analysing Visual Data*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Barbosa, G. (1984). *Grafitos de banheiro: A literatura proibida*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, M. S. (2002). O psicólogo e a ação com o adolescente. In M. L. J. Contini, & S. H. Koller. *Adolescência & Psicologia: Concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 33-34). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- Basmage, D. F. A. T. (2010). A constituição do sujeito adolescente e as Apropriações da internet : uma análise Histórico-cultural (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Recuperado de <https://sistemas.ufms.br/sigpos/portal/trabalhos/download/727/cursoId:60>
- Batista, L. E. (2003). Entre o biológico e o social: homens, masculinidade e saúde reprodutiva. In P. Goldenberg, R. M. G. Marsiglia, & M. H. A. Gomes. *O clássico e o novo tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde* (pp. 209-222). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. Recuperado de <http://static.scielo.org/scielobooks/d5t55/pdf/goldenberg-9788575412510.pdf>
- Beltrão, L. (1980). Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez.
- Bertol, C. E., & Souza, M. (2010). Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30(4), 824-839. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n4/v30n4a12.pdf>
- Block, A. M. B. (2004). A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. Campinas: *Cad. Cedes*, 24(62), 26-43. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20090.pdf>

- Bordin, D. J. (2005). *Inscrições de si: da porta do banheiro ao chat* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, SC, Brasil. Recuperado de http://busca.unisul.br/pdf/79337_Dagoberto.pdf
- Borges, Z. N., & Meyer, D. E. (2008). Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*, 16(58), 59-76. Recuperado de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/19888>
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: história e crítica de um preconceito* (G. J. F. Teixeira, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.
- Borsa, J. C. (2007). O papel da escola no processo de socialização infantil. *Psicologia.com.pt.*, 1-5. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/264785876_O_PAPEL_DA_ESCOLA_NO_PROCESSO_DE_SOCIALIZACAO_INFANTIL
- Brandão, T. S.(2001). Folkcomunicação da latrina: estudo dos grafitos de sanitário da Unesp-Bauru. I *Seminário Mineiro de Folkcomunicação* (pp.1-9), Palácio das Artes. Belo Horizonte. Recuperado de <http://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/viewFile/490/316>
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Campos, A. L. (2011). *Os possíveis significados de violência para adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade*. Recuperado de http://repositorio.ufsm.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1/1441/Campos_Aline_Lemos_d_e.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Campos, R. M. O. (2007). *Pintando a cidade: uma abordagem antropológica ao graffiti urbano* (Tese de Doutorado). Antropologia Visual, Universidade Aberta, [Lisboa], PT. Recuperado de <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/765>

- Cano, M. A. T., & Ferriani, M. G. C., & Gomes, R.(2000). Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. *Rev.latinoam.enfermagem*, 8(2), 18-24.
- Cano, M. A. T., Ferriani, M. G. C., Alves, A. C., & Nakata, C. Y. (1998). A produção do conhecimento sobre adolescência na enfermagem: período 1983 a 1996. Ribeirão Preto: *Rev.latino-am.enfermagem*, 6(1), 91- 97.
- Castro, M. G., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventudes e sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil. Recuperado de http://www.cepac.org.br/agentesdacidadania/wp-content/uploads/2014/04/Unesco_juventudes_sexualidade.pdf
- Cavalcanti, L. B.(2007). Retratos da adolescência. *Revista Mente e Cérebro – O olhar adolescente*, 3(4), 6.
- Chizzotti, A.(2006). *Pesquisa em ciências humanas e sociais* (8a ed.). São Paulo: Cortez.
- Coimbra, C. C., Bocco, F., & Nascimento, M. L. (2005). Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 2-11.
- Coll, C. S. (1994). *Aprendizagem escolar e construção do conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Coll, C., & Colomina, R. (1996). Interação entre alunos e aprendizagem escolar. In C. Coll. (Org.) *Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação* (pp. 298-314) (A. M. Alves, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1988). Brasília, DF: Senado.
- Costa, F. S. N. (2005). *Banheiros públicos: os bastidores das práticas sexuais* (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. Recuperado de <http://www.repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13573/1/FranciscoSC.pdf>
- Costa, J. F.(1983). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.

- Costa, L. P. (2007). Grafite e pixação: institucionalização e transgressão na cena contemporânea. III *Encontro de história da arte* (pp. 177-183). Campinas: IFCH / UNICAMP. Recuperado de <http://www.unicamp.br/chaa/eha/atas/2007/COSTA,%20Luizan%20Pinheiro%20da.pdf>
- Costa-Moura, F., & Lo Bianco, C. (2009). Escrever nas coisas: a utopia contemporânea na linguagem dos adolescentes. *Estilos clin.*, 14(27), 92-111. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v14n27/a06v14n27.pdf>
- Dall'agnol, R.(1980). Grafitos, catarse do coletivo. *Ciência & Trópico*, 8(2), 203-213. Recuperado de periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/download/243/139
- Damião, N. F., & Teixeira, R. P.(2009). Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer? *Arq. Bras. Psicol.*, 61(2), 1-10. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v61n2/v61n2a13.pdf>
- Dantas, B. S. A. (2010). Sexualidade, cristianismo e poder. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 700-728. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n3/v10n3a05.pdf>
- Dayrell, J. (1996). A escola como espaço sociocultural. In Dayrell, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura* (pp. 136-161). Belo Horizonte: UFMG.
- Deiulio, A. M. (1978). Of adolescent cultures and subcultures. *Educational Leadership*, 35(7), 517-521. Recuperado de http://www.ascd.com/ASCD/pdf/journals/ed_lead/el_197804_deiulio.pdf
- Derycke, M. (2003). Les graffitis bateliers – empreintes, suspensions... nomination. *Language & société*,(103), 79- 113. Recuperado de <http://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2003-1-page-79.htm>

- Deuterônômio, 5:22.(2004). *Bíblia Sagrada: Ave- Maria*. Edição Clarentiana. Trad. dos originais hebraico e grego feitas pelos monges de Maredsous (Bélgica). 53a ed. Editora Ave Maria.
- Dicionário brasileiro de língua portuguesa (2016). Michaelis. *Categorias*. Recuperado de <http://michaelis.uol.com.br/>
- Donald, J. (2000). Liberdade bem regulada. In J. Donald, I. Hunter, J. J. Cohen, & J. Gil. *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras* (pp. 61-87) (T. T. Silva, trad.). Belo Horizonte: Autêntica. Recuperado de https://www.academia.edu/4766426/3._livro_pedagogia_dos_monstros_-_os_prazeres_e_os_perigos_da_confus%C3%A3o_de_fronteras
- Dondis, D. A. (1997). *Sintaxe da linguagem visual* (2a. Ed.) (J. J. Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. Recuperado de http://www3.uma.pt/dmfe/DONDIS_Sintaxe_da_Linguagem_Visual.pdf
- Downs, W.R., & Rose, S.R. (1991). The relationship of adolescent peer groups to the incidence of psychosocial problems. *Adolescence*, 26(101), 473-492. Recuperado de <http://search.proquest.com/openview/7f027ccb048271fbc6ac76a521317649/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1819054>
- Dundes, A. (1966). Here i sit: A study of american latrinalia. *Kroeber Anthropological Society Paper*, 34, 91-105. Recuperado de <http://digitalassets.lib.berkeley.edu/anthpubs/ucb/text/kas034-010.pdf>
- Endo, P. C. (2007). Criação e destruição. *Mente e Cérebro*. O olhar adolescente: Espelhos da Sociedade, 4, 62–69.
- Epstein, J. (1970). Homo/hetero: the struggle for sexual identity. *Harper's Magazine*. Recuperado de <http://mudcub.com/homophobia/>
- Erikson, E. H. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar

- Feixa, C. (2006). *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3a ed.) (J. E. Costa, Trad.). São Paulo: Artmed.
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (6a ed.) (M. T. C. Albuquerque, & J. A. G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir* (20a ed.) (R. Ramallete, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes.
- Freud, A. (1995). Adolescência. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 5(11), 63-85.
- Freud, S. (1973). Tres ensayos para una teoria sexual. In S. Freud. *Obras Completas* (Vol. 2, pp. 1172-1229). Madrid: Editorial Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1905).
- Funari, P. P. A. (2001). *Grécia e Roma*. São Paulo: Editora Contexto.
- Gach, V. (1973). College English. *National Council of Teachers of English*, 35(3), 285-287. Recuperado de <http://www.jstor.org/stable/374981>
- Gascón Jiménez, J. A., Navarro Gochicoa, B., Gascón Jiménez, F. J., Pérula de Torres, L. A., & Jurado Porcel, A. (2003). Comportamiento sexual de los escolares adolescentes en la ciudad de Córdoba. *Aten. Primaria*, 32(6), 355-360.
- Gerbara, J. A. S., & Souza, F. M. S. (2016). Análise do discurso de escritos em carteiras e paredes de sala de aula. *Interletras*, 5 (23), 1-11. Recuperado de http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n23/conteudo/artigos/2.pdf
- Gil, A. C.(2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. (6a ed.). São Paulo: Editora Atlas.
- Gitahy, C.(1999). *O que é grafite?* São Paulo: Brasiliense.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades: uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em

Ciências Sociais. *RAE*, 35(2), 57 -63. Recuperado de

<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>

Gonzales Hernández, G. A. (2010). Alternativas para la educación de la sexualidad del adolescente desde una perspectiva de gênero. In A. Fleites (Colab.). *Gênero, educación y equidad hacia un mundo mejor* (pp. 1-16). Espanha: Editorial Aurelia. Recuperado de www.aecid.co.cu/download.asp?filetype=PUB&fileName

Henriques, R., Brandt, M. E. A., Junqueira, R. D., & Chamusca, A. (Org.). (2007). *Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos* (Cadernos Secad, 4). Brasília: SECAD.

Hira, D. S. (1980). An ergonomic appraisal of educational desks. *Ergonomics*, 23(3), 213-221.

Jackson, S. (2006). Gender, sexuality and heterosexuality: the complexity (and limits) of heteronormativity. *Feminist theory*, 7(8), 105-121. Recuperado de <http://eprints.whiterose.ac.uk/6137/>

Jones, D. (2010). *Sexualidades adolescentes: amor, placer y control en la Argentina contemporânea*. Buenos Aires: Fundación Centro de Integración, Comunicación, Cultura y Sociedad- CICCUS; Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO. Recuperado de <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/coediciones/20100818100700/jones.pdf>

Junqueira, R. D. (2012). Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 1(1), 1-22.

Katz, J. N. (1996). *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Kimmel, M. S. (2005). Why Men Should Support Gender Equity. *Women's Studies Review* Fall, 102-114. Recuperado de <http://www.lehman.edu/deanhum/womenstudies-to-be-removed/pdf/Section10.pdf>

- Kinsey, A. C., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhardt, P. H. (1953). *Sexual behavior in the human female*. Philadelphia: Saunders.
- Knobel, M. (1977). *El síndrome de la adolescencia normal*. In A. Aberastury, & M. Knobel. *La adolescencia normal* (pp. 24-62). Buenos Aires: Paidós.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal: normalidade e patologia na adolescência. In: A. Aberastury & M. Knobel, M. (Comp.). *Adolescência normal* (10a ed., pp.24-62). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Leal, Z. F. R., & Facci, M. G. D. (2014) Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In Z. F. R. Leal, M. G. D., Facci, & Souza, M. P. R. (Orgs.). *Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação* (pp. 15-43). Maringá: Eduem.
- Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.* (1940, 13 de dezembro). Código Penal. Art. 163- Destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm
- Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990.* (1990, 13 de julho). Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Senado Federal: Brasília. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998.* (1998, 12 de fevereiro). Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9605.htm
- Levisky, D. L. (1997). *Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Libâneo, J.C. (2005). As teorias pedagógicas modernas revisitadas pelo debate contemporâneo na educação. In J. C. Libâneo, & A. Santos (Orgs.). *Educação na era do conhecimento em rede e Transdisciplinaridade* (pp.16-58). Campinas/SP: Editora Alinea.
- Lopes, A. A. L., Neto (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81(5) (Supl), 164-172.
- Lopes, J. A. L. (1998). Distúrbio hiperactivo de déficit de atenção em contexto de sala de aula: a incerta existência de um problema de desenvolvimento da infância e adolescência. Braga: Universidade do Minho.
- Louro, G.(1999). *Pedagogias da sexualidade*. In G. Louro (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade (pp. 7-34). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- Luz, A. M. H. (1994). O que pensa o adolescente sobre o sexo na televisão. *Educação*, 27(27), 139-152.
- Macdonald, N. (2005). The graffiti subculture: Making a world of difference. In K. Gerder. *The subcultures reader* (pp. 312-325). Londres/Nova York: Routledge.
- Mackinnon, C. (2000). Not a moral issue. In D. Cornell (Ed). *Feminism and Pornography* (pp. 321-345). Oxford/New York: Oxford University Press.
- Maia, H. T. C. (2010). Acorda Alice, aluga um filme pornô: Uma leitura dos banheiros masculinos da UFBA. IV *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura* (pp. 30-36). Salvador: UFBA. Recuperado de http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32871136/acorda_alice_timbrado_e_necult.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1484165981&Signature=svCXtmlKGM63LrzUPeyzV8Q6JFc%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAcorda_Alice_Aluga_um_Filme_Porno.pdf

- Marriel, L. C., Assis, S. G., Avanci, J. Q., & Oliveira, R. V. C. (2006). Violência escolar e autoestima de adolescentes. *Cadernos de Pesquisa*, 36(127), 35-50.
- Martins, J. B. (2010). Pichação na escola e a construção da identidade juvenil. In VIII *Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED Sul* (pp.1-25), Londrina, UEL. Recuperado de <http://www.academia.edu/download/28321821/PICHACAO.pdf>
- Martins, P. O., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2003). O ter e o ser: Representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 3(16), 555-568. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v16n3/v16n3a14.pdf>
- Mascagna, G. C. (2009). *Adolescência: compreensão histórica a partir da escola de Vigotski* (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
- Matias, A. A. (2014). *Práticas de letramentos vernaculares: o caso dos grafiteiros de banheiros na pesquisa brasileira* (Trabalho de Conclusão de Curso). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.
- Matos, M., & Carvalhosa, S. (2001). *Os jovens portugueses e o consumo de drogas*. Lisboa: FMH/PEPT/GPT.
- Mc João, Mc Rafa Original, Mc Paulinho (2015). *Barulho da xota*. Recuperado de https://www.youtube.com/watch?v=Y_9ThpKIS2Q
- Minayo, M. C. S. (2001). (Org.) *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília: MEC/SEF.
- Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais*. Brasília: MEC.

- Miranda, M. G. (1994). O processo de socialização na escola: a evolução da condição social da criança. In S. Lane, & W. Codo (Orgs.). *Introdução a psicologia social: o homem em movimento*(pp. 125-35), São Paulo: Vozes.
- Moreira, A. F. B., & Candau, V. M. (2003). Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. *Revista Brasileira de Educação*, (23), 156-168.
- Moura, F. T. C.(1990). *Estilhaços de linguagem nos muros da cidade*. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), Rio de Janeiro. RJ, Brasil.
- Müller, F.(2008). Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças, *Educar*, (32),123-141.
- Muñoz-Basols, J. (2010). Los grafiti in tabula como método de comunicación: Autoría, espacio y destinatario. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, 65(2), 389-426. Recuperado de <http://rdtp.revistas.csic.es/index.php/rdtp/article/view/233/234>
- Nunes, C. A. (1987). *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papyrus Editora.
- Nutbeam, D., Smith, C., Moore, L., & Bauman, A. (1993). Warning! School can damage your health: Alienation from school and its impact on health behaviour. *Journal Paediatric Child Health*, 29(suppl.), 825-830.
- Nwoye, O. G.(1993). Social issues on walls: graffiti in university lavatories. *Discourse & Society*, 4, 419-442.
- Oliveira, M. C. S. L. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. Maringá: *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a21>
- Olowu, A. A.(1983). Graffiti here and there. *Psychological Reports*, 52, 986.

- Organização das Nações Unidas. (2008). Departamento de Assuntos Sociais e Econômicos, Divisão de População. *World Population Prospects: The 2008 revision*. Recuperado de www.esa.un.org/unpd/wpp2008/index.htm
- Osório, L.C.(1992). *Adolescente hoje* (2a ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Oswald, H.(febrero de 1956). *Posible origen de la pintura figurativa* (Edición digital a partir de Cuadernos Hispanoamericanos, 74, pp. 237-240). Publicación Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. Recuperado de <http://www.cervantesvirtual.com/obra/posible-origen-de-la-pintura-figurativa>
- Ozella, S., & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97-125.
- Pais, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Lisboa: IN-CM.
- Papalia, D. E., & Olds, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano* (7a ed.) (D. Bueno, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parker, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best Seller.
- Parreiras, C. (23 a 26 de agosto de 2010). Just click here: Notas sobre gênero e sexualidade em práticas e corpos ciber-pornôs . *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamento* (pp. 1-9). UFSC, Florianópolis (SC)
- Perlman, J. (1977). *O mito da marginalidade urbana - favelas e políticas no Rio de Janeiro*. (W. Portinho, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral da criança*. São Paulo: Summus.
- Piedra, J. L., Galván, A. I. M., & Corral, J. L. (2013). *La sexualidad em la adolescencia: fases, características, conflictos y sua afrontamientos*. Recuperado de <http://www.codajic.org/sites/www.codajic.org/files/51%20->

%20La%20sexualidad%20en%20la%20adolescencia.%20Fases,%20caracter%ADstic
cas.pdf

Pokorski, M. M. W. F. (2008). A Psicopedagogia Institucional e a Educação Infantil. *Ciênc. let.*, 43, 309-327. Recuperado de https://nead.ucs.br/pos_graduacao/Members/419745-30/revista,%20melania.pdf

Preti, D. (1984). A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: Queiróz.

Profissional equipamentos (2016). *Cadeiras*. Recuperado de <http://profissionalequipamentos.com.br>

Rabello, E., & Passos, J. S. (2002). *Erikson e a Teoria psicossocial do desenvolvimento*. Recuperado de <http://josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>

Ramos, C. M. A. (1994). *Grafite, pichação & cia*. São Paulo: Annablume.

Reis, G.V., & Ribeiro, P.R.M. (2002). A orientação sexual na escola e os Parâmetros Curriculares Nacionais. In P. R. M. Ribeiro. Sexualidade e educação sexual:

Apontamentos para uma reflexão (pp. 81-96). São Paulo: Cultura Acadêmica Editora.

Ribeiro, P. R. M. (2004). Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In P. R. M. Ribeiro (Org.). *Sexualidade e educação sexual: aproximações necessárias* (pp. 15-25). São Paulo: Arte e Ciência.

Riebes, K. (2004). „LAAAAANGWEILIG“ – Formen und Funktionen von Tisch- Graffiti in den Hörsälen der Universität Greifswald „LAAAAANGWEILIG“ – Forms and Functions of Desktop-Graffiti in the Lecture Halls of the University of Greifswald Greifswald, Germany: Universität Greifswald.

Rodrigues, J. C. (1980). *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achimé.

Romani, A., Blos, J. F., Pereira, T. F., & Machado, M. B. C. (2004). Abaixo a ditadura da mídia! Pichações e grafites e as tensões políticas da sociedade porto-alegrense em 2004.

- 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Porto Alegre. Recuperado de http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5b/Abaixo_a_ditadura_da_midia.pdf
- Rosado, A., & Ferreira, V. (2009). *Promoção de ambientes positivos de aprendizagem*. Pedagogia do desporto, 185-206. Recuperado de <http://areas.fmh.utl.pt/~arosado/Repositorio/ficheiros/Comprehension/AmbientesPositivosdeAprendizagem.pdf>
- Rosseli-Cruz, A. (2011). Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar. *Educar em Revista*, (39), 73-85. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a06>
- Rousseau, J. J. (1762). *Emile, ou de l'éducation*. Paris: Garnier. Recuperado de http://classiques.uqac.ca/classiques/Rousseau_jj/emile/emile_de_education_1_3.pdf
- Royer, E. (2003). Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. In *Seminário de Violências nas Escolas: Desafios e Alternativas: Violências nas Escolas* (pp. 57-78). Brasília: Unesco.
- Ruiz, M. D. (1999). *Ciudad líquida, ciudad interrumpida*. Medelin: Universidad Antiqua.
- Saffioti, H. I. B. (1987). *O poder do macho* (Coleção Polêmica). São Paulo: Moderna.
- Samdal, O., Dür, W., & Freeman, J. (2004). School. In C. Currie, C. Roberts, A. Morgan, R. Smith, W. Settertobulte, & O. Samdal (ed). *Young people's health in context: Health Behavior in Schoolaged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey* (pp. 42-51) (Health Policy for Children and Adolescents; n. 4). Copenhagen: World Health Organization.
- Santos, B. R. (1996). A emergência da concepção moderna de infância e adolescência: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

- Schultz, V. (2010). Intervenções urbanas, arte e escola: experimentações e afectos no meio urbano e escolar. 19º *Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas “Entre Territórios”*, Cachoeira, Bahia, Brasil. Recuperado de 2015, de http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/ceav/valdemar_schultz.pdf
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20 (2), 71-99.
- Sechrest, L., & Flores, L. (1969). Homosexuality in the Philippines and the United States: The handwriting on the wall. *Journal of Social Psychology*, 79, 3-12. Recuperado de <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00224545.1969.9922380?journalCode=vsoc20>
- Seffner, F.(2013). Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educ Pesqui.*, 39(1), 145-159. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n1/v39n1a10>
- Siegl, N. (1993). *Kommunikation am Klo. Graffiti von Frauen und Männern*. Wien, Verlag für Gesellschaftskritik. Recuperado de http://antiques.gift/kommunikation-am-klo-graffiti-von-frauen-und-mannern_8732032.html
- Silva, A. N., & Saraiva, L. A. S.(2014). Violência simbólica em não lugares organizacionais: um estudo de grafitos em banheiros. *Revista Gestão Organizacional*, 7(2), 61-72. Recuperado de <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rgo/article/view/1628/1566>
- Silva, M. C., & Mendes, O. M. (2015). As marcas do machismo no cotidiano escolar. *Revista Caderno Espaço Feminino*, 28(1), 90-99. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/31723>
- Silva, R. L. (2004). Escutando a adolescência nas grandes cidades através do grafite. *Psicol Cienc Prof.*, 24(4), 2-11.

- Souza, H. B. M.(2012). Das trajetórias de formação de duas professoras de inglês em escolas públicas para os sentidos de sucesso de suas práticas. In *IX ANPED SUL-Seminário de pesquisa em educação da Região Sul* (pp. 1-14). Recuperado de <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1253/493>
- Souza, M. M., Borges, I. K., Medeiros, M., Teles, S. A., & Munari, D. B. (2004). A Abordagem de Adolescentes em Grupos: o Contexto da Educação em Saúde e Prevenção de DST. *Jornal brasileiro de DST*, 16(2), 18-22.
- Sperling, C.(2011). *Sexo forever: corpo, sexualidade e gênero nos grafitos de banheiro em uma escola pública de Porto Alegre* (Trabalho de Especialização). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Spinelli, L.(2007). Pichação e comunicação: um código sem regra. *LOGOS 26: Comunicação e conflitos urbanos* ,14(1), 111-121.
- Tanner, J.M. (1962). *Growth at Adolescence* (2a ed.). Oxford: Blackwell.
- Teixeira, R. P., & Otta, E. (1998). Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. *Estudos de Psicologia*, 3(2), 229-250. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n2/a04v03n2.pdf>
- Tiba, I. (2005). *Adolescentes: quem ama, educa*. São Paulo: Integrare Editora.
- Tomio, N. A. O. (2006). *Adolescência na Perspectiva Histórico-Cultural* (Monografia de Especialização), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.
- Tonelotto, J. M. F. (2002). Aceitação e rejeição: percepção de escolares desatentos no ambiente escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 6(2), 141-148. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pee/v6n2/v6n2a04.pdf>
- Trahan, A. (2011). Identity and ideology: The dialogic nature of latrinalia. *Internet Journal of Criminology*, 1-9. Recuperado de

http://www.internetjournalofcriminology.com/Trahan_Identity_and_Ideology_The%20Dialogic_Nature_of_Latrinalia_IJC_September_2011.pdf

Triviños, A. N. S. (1992). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas.

Unicef. (2004). *Convenção dos Direitos da Criança da organização das nações unidas*.

Recuperado de

http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Valente, M. O. (1989). A educação para os valores. In *O ensino básico em Portugal*. (pp. 133-172). ASA : Porto. Recuperado de

http://webpages.fc.ul.pt/~movalente/educacao_valores.pdf

Varela, J. (1999). Categorias espaço-temporais e socialização escolar: do individualismo ao narcisismo. In M. V. Costa (Org.). *Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo* (pp. 73-106). São Paulo: Cortez, 73-106.

Vergara, S. C. (2005). *Método de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.

Vilar, F. S., Pereira, P. H. C., & Silva, T. E. (2007). *Análise do discurso dos escritos de*

banheiro na universidade. Campinas: Unicamp. Recuperado de

http://www.moodle.ufba.br/file.php/11440/Artigos_de_discussao_e_referencia/Analise_do_Discurso_dos_escritos_de_banheiros_na_Universidade.pdf

Vilela, G. J. D., & Ribeiro, P. R. M. (2014). Discursos, sujeitos e educação sexual na escola.

In M. R. Momesso, F. E. Assolini, L. Curcino, F. Burlamaque, & G. M. Palma (Orgs.). *Das práticas do ler e escrever ao universo das linguagens, códigos e tecnologias* (pp. 251-266). Porto Alegre: Cirkula.

Vitiello, M. T., & Loureiro, G. R., Junior (1986). Aspectos sócio-políticos da sexualidade na adolescência. In N. Vitiello. *Sexologia II* (pp. 55-57). São Paulo: Roca.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.

Estudos Feministas, (2), 460-482. Recuperado de

<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8635.pdf>

Winnicott, D. W. (1987). A tendência anti-social. In *Em privação e delinquência* (pp. 127-

137). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1956).

World Health Organization. (1995). *Physical status: use and interpretation of anthropometry*.

Genova: WHO.

Zanello, V., Bukowitz, B., & Coelho, E. (2011). Xingamentos entre adolescentes em Brasília:

linguagem, gênero e poder. *Revista Interações*, 7(17), 151-169.